

A UNIVERSIDADE E O CINEMA • por Lisandro Nogueira

*Professor da Faculdade de Comunicação e
Biblioteconomia da UFG*

A relação da Universidade Federal de Goiás (UFG) com o FICA é emblemática: expõe novamente a situação do intelectual em Goiás quanto a sua capacidade de intervenção no movimento cultural e ambigüidade do vínculo com uma instituição de ensino. Servidores da UFG – professores e técnicos – participam ativamente do FICA. Contribuem decisivamente para a construção do conceito de “festival de cinema ambiental”, inédito no mundo inteiro; auxiliam na confecção da programação cinematográfica; participam ativamente dos júris de pré-seleção e do júri principal (mostra competitiva); ajudam a coordenar o complexo processo operacional.

Até mesmo nos quadros executivos da Agência Cultural (Agepel), responsável pela organização do FICA, encontram-se diversos professores da UFG. Não é pouco. É uma intervenção vigorosa que, de forma paradoxal, não conseguiu até agora estimular a “Instituição UFG” a assumir uma participação no Festival. É como se a instituição preferisse manter-se alheia ao mais importante festival de cinema de Goiás. Intelectuais da Universidade contribuem direta e decisivamente, porém a UFG parece distante do processo cultural efervescente do FICA.

Se professores e funcionários envolvem-se ativamente no festival, por que a UFG mantém-se ausente?

Há muito tempo se reclama da ausência dos intelectuais universitários na vida das cidades. Sobre a magnitude dessa ausência sobejam controvérsias, mas há um senso comum de que os intelectuais se refugiaram nos *campi*, desobrigando-se da participação na vida cultural, da vivência de seus intensos e instáveis processos. As conformações do mundo moderno puseram em crise o papel do intelectual com o estabelecimento de um local reservado, razoavelmente confortável e devidamente subsidiado, no qual se pode produzir ciência sem as afetações do burburinho vivaz dos centros das cidades. Quanto aos intelectuais,

se ganharam com a estabilidade e a promessa de reconhecimento pela produção científica em prol da sociedade, perderam ao se recolherem em busca dessa “cientificidade”, que tem enormes dificuldades para ser devidamente respeitada, patrocinada e reconhecida.

É como alguém que ganhe uma pequena casa, equipada com os eletrodomésticos básicos, e uma mesada mínima. A situação de conforto, estranhamente, provoca-lhe um grande mal-estar. Os intelectuais cientistas vivem a esbravejar e humilham-se diante da falta de verbas e do pouco-caso dos governos em relação ao custeio das pesquisas. Longe das cidades e com o pires sempre na mão, sobra-lhes o discurso indignado, que viceja porque justos são alguns de seus propósitos, mas que não alcança ressonância suficiente para sequer estremecer o *status quo*.

Os segmentos mais penalizados com o encarceramento nos *campi* são, obviamente, as áreas de humanas e artes. Os professores da chamada “ciência dura” são contemplados com um pouco mais de dinheiro para suas pesquisas e beneficiados porque dominam o “pensamento” numa universidade cuja vocação afunila-se para a formação profissional. A instituição, com o pensamento voltado, em sua quase totalidade, para a profissionalização, acaba apequenando suas ambições e seu poder de intervenção no espaço cultural.

É só observar a importância que servidores da UFG, sejam professores, sejam técnicos, atribuem a essa área. É rara a manifestação das instâncias científicas no tocante à área cultural. Cultura, para esses setores, serve como ornamento e prestígio calculado em torno da visibilidade para seus eventos. Se se realiza uma feira, um congresso ou uma solenidade, que tal chamar o coral da UFG, o “pessoal” do cinema para realizar uma exibição de

filmes? Se for esse o pensamento que vigora, torna-se óbvio que as humanidades e artes vão sempre compor o espaço universitário como ornamento e peça de visibilidade. Terá sido essa a razão por que o FICA não foi pensado devidamente pela instituição? Se em seu próprio espaço a área cultural é tão desimportante, é natural que o festival não fosse incluído em suas estratégias e ações externas.

Russel Jacoby, em seu livro *Os últimos intelectuais* (Edusp, 1990), faz uma análise do distanciamento dos intelectuais da vida pública. O autor denomina “últimos intelectuais” aqueles que se dirigiam a um amplo público (Edmund Wilson, Daniel Bell, Mary McCarthy, John Kenneth Galbraith); hoje, segundo ele, essa possibilidade é praticamente inexistente. Um dos motivos foi o confinamento dos intelectuais nas universidades e em seus *campi*, distantes dos centros das cidades.

Para ele, a situação é agravada pela segurança e estabilidade que as universidades fornecem aos seus intelectuais. As novas formas de produção cultural não foram capazes de remunerá-los a ponto de conservá-los distantes da vida segura dos *campi*. A análise de Jacoby faz sentido. A indústria do livro, as televisões, os jornais, o cinema, as casas de arte aproximam-se do poder simbólico dos intelectuais, mantêm uma relação muitas das vezes bastante próxima, mas negam uma ligação financeira duradoura que propiciaria uma remuneração consistente para a produção cultural. O cinema americano proporcionou espaço para centenas de escritores – foram roteiristas de muitos filmes. Com o trabalho, foi possível que, paralelamente, escrevessem obras fundamentais, como no caso de William Faulkner, Gore Vidal e Scott Fitzgerald.

Os *campi*, com todos os problemas, constituem-se no espaço em que ainda é possível o debate e a articulação das idéias. Mas é também o lugar onde

a “ciência dura” detém mais força política. Daí que os espaços para o embate das idéias e o florescimento das artes e humanidades fiquem restritos e diminutos dentro da grande estrutura universitária.

Russel Jacoby afirma que “o desaparecimento dos intelectuais públicos reflete a recomposição do próprio público; coincide com o enorme sucesso da televisão, a deterioração das cidades e o inchaço das universidades”. Sua análise reflete o que ocorreu nos anos 70 e 80 nos EUA. De lá para cá a situação agravou-se e o próprio Jacoby aponta o refluxo da intervenção dos intelectuais na vida americana. A não ser Noam Chomsky e outros raros, não há espaço para o debate e o fluxo constante das idéias. Há uma enorme fragmentação dos espaços culturais, e a formação de guetos tornou-se praxe. A conseqüência é uma luta não mais pelas idéias, e sim pelas verbas públicas e privadas. Os grupos, cada vez mais distantes da luta política, tanto se engalfinham por causa de espaço e de verbas que acabam esquecendo o debate das idéias. O mesmo embate ocorre nas universidades, que lutam desesperadamente por verbas e convivem com um forte afrouxamento do pensamento crítico e a ausência quase completa de uma *vida cultural*.

O Brasil tem um modelo de vida cultural e universitária semelhante ao americano. O acontecimento que ocorreu lá nos anos 70 e 80 começa a frutificar de forma intensa por aqui. A par do uso da cultura como ornamento e espetáculo, alastram-se a fragmentação da luta política e a desilusão com os projetos libertários gestados ainda nos anos 60. Os mesmos projetos que deram impulso a importantes manifestações artísticas que servem hoje como referências inquestionáveis: o *Cinema Novo* (formado por universitários), a música popular (oriunda em parte de intelectuais artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso,

entre outros). Todos os dois movimentos nasceram nas universidades, localizadas nos centros das cidades de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. A geração de Glauber Rocha, Chico Buarque, entre outros, nasceu dentro das faculdades de humanas e artes.

Se nos EUA, na Europa e aqui as universidades voltaram-se para uma espécie de luta pela própria sobrevivência, restou para a complexa relação dela com as cidades e o espaço público aquilo que Edward Said em seu livro *Representações do intelectual* (Companhia das Letras, 2005) denomina “compromisso amador” com as idéias. Said afirma que não se considera limitado pelo trabalho profissional em literatura, que “me excluiria de assuntos de política pública só porque estou autorizado apenas a ensinar literatura. Falo e escrevo sobre assuntos mais amplos porque, como amador, sou instigado por compromissos que vão além da minha carreira profissional”. Há um novo mundo que repele e atrai estranhamente o intelectual-professor universitário. Esse novo modelo impulsiona o intelectual para o “mundo profissional acadêmico” (exemplos: o *pesquisador* das áreas de humanas e artes – o professor que luta cotidianamente por bolsas de estudo, escreve em revistas indexadas e ainda é obrigado a enfrentar o modelo acadêmico imposto por uma certa “ciência”; além da concorrência muitas vezes desleal das “ciências duras”). Essa situação de certo conforto e clausura impede o florescimento do que Said denomina “*amador*”.

Há, no entanto, um pequeno movimento fomentado pelos professores que deixam o “profissionalismo” de lado e partem para uma ação “amadora”. Se a “instituição UFG” não está no FICA, seus professores e técnicos se apresentam para participar. Participam por causa da afinidade com a temática e pela possibilidade de estabelecer

uma relação rica em trocas simbólicas com as cidades e suas manifestações. Isso implica também o uso que o festival faz da chancela “UFG”. A chancela dá prestígio. E, caso a instituição participe ativamente, esse *uso* pode ser dimensionado para um equilíbrio de forças no qual os envolvidos possam manter projetos em conjunto.

Jacoby expõe uma situação crítica em *Os últimos intelectuais*. Mas é Said que vê o problema de forma menos pessimista. Para ele, o intelectual é um ser secular que tem várias armas para o enfrentamento das questões complexas postas pelo novo mundo. É ele que ainda consegue pensar o mínimo e manter em evidência a idéia da importância da cultura e das artes para a humanidade. E a melhor forma de manter viva a relação fundamental entre o intelectual acadêmico e as manifestações das cidades é a via *amadora* formulada por Said.

Em que pese o envolvimento do seu corpo de professores, é fundamental a instituição pensar com muita acuidade e em longo prazo o processo cultural fomentado pelo FICA – um marco na história cultural do Estado, mas que necessita constantemente de uma avaliação crítica para que se edifiquem projetos como o “FICA o ano inteiro” e a “Escola de Cinema”.

Um dos principais pilares de sustentação do festival é o intercâmbio forte com o meio acadêmico. Seja através da composição dos júris (sustentação teórica embasada para o discernimento estético), na formatação de cursos e oficinas ou mesmo no planejamento global, a UFG tem estado presente com vigor através de seus representantes das áreas de humanas e artes. Pensar formas de garantir a qualidade desse intercâmbio é fundamental tanto para o FICA quanto para a UFG. A ferramenta preciosa para esse repensar é a articulação de estratégias que possam valorizar a participação *amadora* basicamente formulada por Edward Said. ✨